

ENCURRALADOS PELA DESIGUALDADE: É HORA DE DESPERTAR

“As tendências da renda e riqueza deixam algo muito claro: a brecha entre ricos e pobres nunca foi tão grande, e continua aumentando, enquanto o poder está cada vez mais nas mãos de uma pequena elite (Oxfam, Iguales, p. 33). Seria preciso um balde de água fria ou um beliscão no braço para ter certeza de que não perdemos a sensibilidade, ou a vergonha própria e alheia, caso leiamos e escute-mos sobre o momento presente sem reagir energicamente.

O crescimento da desigualdade vem de longe, desde as fatídicas décadas dos anos 1970 e 1980 do século passado, quando as potências mundiais impuseram a revolução conservadora de Thatcher e Reagan, asfixiando as economias dos países em desenvolvimento com a alta dos juros sobre sua dívida externa, exigindo a redução dos gastos sociais e de saúde e educação, a redução do Estado, o desmantelamento do estado de bem-estar social na Europa, a precarização do emprego e a marginalização da luta operária em todo o mundo, o naufrágio das revoluções populares na América Latina; tudo isso com a benção da cúpula vaticana de plantão naquelas décadas e com a desqualificação da teologia da libertação, dos teólogos e bispos da Igreja dos pobres.

Quatro décadas mais tarde eis o resultado: uma humanidade submetida à maior desigualdade de sua história: 85 pessoas têm uma riqueza equivalente ao patrimônio da metade mais pobre da humanidade, e o 1% mais rico da população, que neste ano de 2016 superará seu próprio recorde patrimonial, ultrapassando a barreira psicológica de 50% da riqueza mundial, estabelecendo-se com metade da riqueza do mundo (e continua crescendo); a outra metade é dividida entre todo o restante dos humanos, 99% da população mundial. Tem que viver para acreditar.

Uma revolução sem armas, a partir do poder político e estruturas colocadas a serviço do mercado – o suposto livre comércio, para ovelhas e lobos comercializarem em liberdade – e com um sistema financeiro concebido e submetido ao serviço de acumulação de dinheiro.

Chegamos a essa situação em tempos de regimes ditos democráticos. Isso evidenciaria o “sequestro democrático” de uma sociedade em que o povo elege e

confia o poder aos plutocratas, e os pobres votam nos partidos dos ricos. É a “hegemonia” do capital: a falta de consciência dos pobres, a inibição da maioria, o triunfo do individualismo, a anestesia do consumismo. Um sistema tão inócuo não seria mantido se não fosse pela inibição de grande parte da população, que tem sua consciência cativa submetida à hegemonia que o sistema exerce sobre mentes e corações.

Estamos nos aproximando do abismo no que tange à crise climática. A história demonstra que os índices de “extrema riqueza”, desigualdade e injustiça não são sustentáveis por muito tempo. Os teóricos se perguntam como ainda não ocorreu uma explosão social em sociedades tão claramente desiguais e injustas.

O que nos mantém adormecidos, vendo passivamente como a riqueza extrema (1%) continua ampliando a cada ano sua fatia da torta mundial, relegando todos os demais (99%) a uma fatia da torta ainda menor? A que porcentagem da torta teremos que reduzir a riqueza extrema para despertarmos e decidirmos pôr fim a essa situação indigna da humanidade, e reverter o sistema econômico que nos trouxe até aqui? Quando tomaremos consciência efetiva de que somos a maioria esmagadora, os 99%?

É hora de despertar, pois é urgente mudar as regras. Apesar de vivermos em um momento histórico de refluxo social, os espíritos mais despertados estão vendo que é urgente a hora de reagir, abrir os olhos, ganhar consciência e elaborar uma nova hegemonia. A hegemonia da humanidade, a da crítica ao fundamentalismo do mercado, a da recuperação da democracia sequestrada. É hora de mudar de rumo: o rumo das três últimas décadas já se evidenciou como insustentável, e está nos levando à exploração social e à crise planetária.

Trata-se da urgência de um trabalho de conscientização, pensamento crítico e resistência. É imperativo quebrar o feitiço da hegemonia, a partir de práticas cidadãs alternativas, e sermos coerentes com uma participação política democrática e responsável. “Quando o pobre acreditar no pobre, poderemos cantar “Liberdade”, dizia um canto da missa salvadorenha. O que isso significa hoje: quando deixamos de colocar nos Congressos e Parlamentos, com nosso voto, a elite mais rica e seus representantes, quando acreditamos nos pobres e na opção pelos pobres e votamos de forma coerente, nossa democracia sequestrada ficará livre, e estaremos caminhando rumo à sociedade igualitária e justa que tanto a Humanidade como o planeta merecemos, Utopia pela qual vale a pena lutar e sonhar.

**PEDRO CASALDÁLIGA
JOSÉ MARIA VIGIL**

